

**A conexão entre Qal ברא e Piel ברא
na Bíblia Hebraica – reação a Franz Böhl**

**The Connection between qal ברא and piel ברא
in the Hebrew Bible – Reaction to Franz Böhl**

*Oswaldo Luiz Ribeiro*¹

RESUMO

Reação ao texto “ברא *bārā* – como termo da criação do mundo e seu uso no Antigo Testamento”, de Franz Böhl, publicado em 1913 e traduzido e publicado na presente edição da revista *Reflexus*. O artigo de Böhl discute a relação entre os troncos Qal e Piel da raiz hebraica ברא, concluindo que se trata de raízes distintas, o que explica, na sua ótica, a ausência de conexão entre elas na Bíblia Hebraica. Contrariamente a Böhl, postula-se haver conexão etimológica e semântica entre Qal e Piel de ברא, inclusive na Bíblia Hebraica, como se pode depreender, por exemplo, de Is 65,17-18 e Sl 102,13-19, resultando invisível para os pesquisadores a referida conexão por força de aplicar-se à raiz o sentido de “criação” próprio da história dos efeitos da raiz, e não o sentido histórico-traditivo com que se pode manejar ברא no conjunto da Bíblia Hebraica.

PALAVRAS-CHAVE

Franz Böhl, ברא, criar, construir.

ABSTRACT

Reaction to text “ברא *BARA* – as term to creation of the world and its use in the Old Testament”, by Franz Böhl, published in 1913 and

¹ Pós-doutor em Ciência da Religião, doutor em Teologia, professor do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

translated and published in this issue of the journal Reflexus. The Böhl's article discusses the relationship between Qal and Piel stems from the Hebrew root ברא, concluding that they are distinct roots, which explains, in your view, the absence of connection between them. Contrary to Böhl, it is postulated a etymological and semantic connection between Qal and Piel ברא, including the Hebrew Bible, as can be seen from Is 65.17-18 and Ps 102.13-19, resulting invisible to the researchers this connection by virtue of applying the root meaning of "creation" from history of effects of root, not the historical-traditive sense of ברא throughout the Hebrew Bible.

KEYWORDS

Franz Böhl, ברא, to create, to build.

Introdução

O presente artigo consiste em reação ao texto de Franz Böhl, "ברא bārā – como termo da criação do mundo e seu uso no Antigo Testamento"², publicado, em alemão, em 1913, e, com custos arcados pela Faculdade Unida de Vitória, agora traduzido pelo Prof. Dr. Nelson Kilpp, que, ao lado do autor, é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória, com vistas a constituir base bibliográfica para a pesquisa de estágio pós-doutoral deste pesquisador, concluída em 2016, no Programa de Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. A indicação do artigo se deve ao Prof. Dr. Erhard Gerstenberger e ao Prof. Dr. Friedrich Avemarie, de Marburg, e a sua localização, bem como a cópia do original em alemão, se devem ao Prof. Dr. Jimmy Sudario Cabral, orientador do estágio pós-doutoral referido.

² O texto encontra-se publicado na presente edição da Reflexus. Aqui, as notas de rodapé que reportam a "parágrafo(s)" constituem referências a esse texto. Ainda não paginado no momento da conclusão desta reação, a paragrafização do artigo de Böhl constituiu estratégia de referenciação, de sorte que o leitor pode conferir as indicações do texto e das notas, reportando-se aos parágrafos indicados no texto impresso de Böhl, na Reflexus.

Em decorrência de minha tese de doutorado, redigi uma crítica à teoria das três raízes de **ברא**, e, desejando aprofundamento crítico, encaminhei texto sobre o tema ao Prof. Dr. Erhard Gerstenberger, na Alemanha, que o leu, interessou-se por ele e convidou-me a desenvolver pesquisas naquele país, projeto que não pude desenvolver lá, por força de compromissos profissionais na Faculdade Unida de Vitória, mas que desenvolvi aqui no Brasil. Após consulta ao Prof. Dr. Friedrich Avemarie, Gerstenberger disse-me tratar-se o artigo de Böhl da primeira vez que se empregava o conceito de três raízes de **ברא**. Eu havia consultado léxicos e dicionários hebraicos dos séculos XVIII e XIX e constatara que não existia, então, verbere que separasse, na forma de raízes distintas, as três acepções de **ברא**. Nenhum Gesenius do século XIX conhecia o fenômeno, mas os Gesenius publicados no século XX, e que se tornaram padrão, sim. Alguém havia, portanto, criado a tese e alterado as novas edições de Gesenius. Segundo Gerstenberger, Böhl tinha sido o proponente da tese.

Bem, como se depreende do próprio artigo, o texto de Böhl não foi a primeira vez que se empregou o conceito das três raízes distintas de **ברא**, mas parece ter sido o próprio Böhl o seu autor, em obra, todavia, de 1905, não de 1913 – sua edição de Gesenius, conforme abaixo se explicará.

Aqui, se trata de analisar a resistência de Böhl, agora então tomado como criador, em todo caso, divulgador, da tese de três distintas raízes de **ברא**, confrontando sua tese da inexistência de conexão, na Bíblia Hebraica, entre os troncos – ou as raízes – Qal e Piel de **ברא**.

1. Reação a Franz Böhl

A despeito de ressaltar que não se poder afirmar de forma absoluta, em seu artigo de 1913, Böhl aventou a possibilidade de “o termo técnico (...) ‘criar’ (...) **ברא**” apresentar conexão com “**ברא** Piel ‘fazer incisão, corte ou talho; cortar; entalhar; abater (árvores); arrotear’”³. O argumento que apresentou para a possibilidade da conexão foi a presença de **ברא**

³ Cf. nota 2 ao parágrafo 1.

participio Qal em uma inscrição catalogada já em 1881, cujos detalhes se apresentam na nota 2 do parágrafo 1 de seu texto, nesta mesma edição da Reflexus. Segundo os compiladores e tradutores da inscrição, tratar-se-ia de referência a um provável entalhador: “ברא significa ‘fazer uma incisão, corte’, de onde se deriva o significado do ato criador; reproduzimos, portanto, como ‘entalhador’, embora não tenhamos condições de definir claramente em que consiste essa relação”⁴. A simpatia de Böhl pela “tese” é significativa, porque, em certo sentido, contraria sua própria percepção quanto à raiz hebraica ברא, que, para Böhl, atualiza-se na forma de três raízes homônimas, mas com sentidos distintos – ברא I, ברא II e ברא III.

Em 1905, Böhl editou o *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*, de Gesenius⁵. Nele⁶, podem-se ver as agora clássicas três raízes de ברא. Em seu ברא, *bārā, als Terminus der Weltschöpfung im alttestamentlichen Sprachgebrauch*, de 1913, Böhl não se decide: ao mesmo tempo em que reconhece que Qal e Piel de ברא possam estar conectados original e etimologicamente, faz registrar que a edição de 1910 de seu GESENIUS e BUHL, *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament* trata Qal e Piel como raízes distintas. É curioso que Gesenius esteja vinculado à tese da existência de três raízes de ברא. Em 1823 – e até onde posso controlar, nas demais edições do século XIX⁷ –, seu *Hebräisches und chaldäisches Handwörterbuch über das Alte Testament* tratava todos os troncos e sentidos de ברא em uma única entrada⁸. A despeito da publicação da inscrição púnica, acima mencionada, em 1881, bem como do fato de os originais de Gesenius desconhecem a sua fragmentação etimológica, pelo menos a partir de 1905, Gesenius passa a ter seu nome usado como endosso da tese de que, na Bíblia Hebraica, se deve esperar encontrar

⁴ Nota 3 ao parágrafo 1.

⁵ GESENIUS, W. e BUHL, Frants. *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. Leipzig: Vogel, 1905.

⁶ Cf. FIGURAS 1 e 2.

⁷ Cf. RIBEIRO, O. L. “Comprar gato por lebre?”. O ‘assalto’ teólogo à abordagem histórico-filológica à raiz br’ nos séculos XVIII e XIX, *Pistis e Praxis*, v. 8, n. 1, 2016, p. 55-71.

⁸ Cf. FIGURAS 3 e 4.

uma raiz **ברא** I, uma raiz **ברא** II e uma raiz **ברא** III, com as reservas de sentido – inclusive teológico! – para cada verbete.

Pergunto-me se Böhl teve acesso à informação sobre a ocorrência de participio Qal **ברא** como entalhador antes ou depois de 1905. Certamente, antes de 1913. Se a informação lhe tivesse chegado antes de 1905, não se justificaria sua edição de Gesenius com as três raízes – I. Criar, II. Cortar, III. Engordar. Se a tese das três raízes não existia antes dele, e se o contato com a inscrição púnica o fez considerar, conquanto não absolutamente certa, ao menos provável a relação entre Qal e Piel, isso deveria ter sido suficiente para assentar dúvida plausível para não se propor uma novidade no campo etimológico – já que, por cem anos, os manuais de Gesenius a tratavam como uma só raiz. Nesse sentido, o registro em 1881 do participio Qal constituiria uma ratificação do trato histórico-etimológico de **ברא** até aquela data. Como, todavia, a edição de 1905 de GESENIUS/BUHL assenta a tese das três raízes na forma de três verbetes distintos, penso que Böhl pode ter tido acesso à informação apenas após 1905. Agora, em 1913, depois da publicação de seu GESENIUS/BUHL, em 1905 e 1910, talvez a informação, entretantes adquirida, tenha-o levado a pensar na possibilidade de reconsiderar a tese das três raízes.

Não é o único caso. Posteriormente, ninguém menos do que W. H. Schmidt, reconhecido pesquisador da Bíblia Hebraica, também conheceria a inscrição já mencionada. Mas Schmidt não se sente confortável o suficiente para acatar a hipótese de uma **ברא** I igual a uma **ברא** II e/ou III – o que, na prática, significaria suprimir a ideia de três raízes! Seus argumentos são: a) primeiro, o sentido de “cortar”, próprio da então assumida como **ברא** III, não pressupõe a peculiaridade do sujeito exclusivo Yahweh/Elohim, e, além disso, b) não se poderia seguir, pelo menos dentro do Antigo Testamento, uma “evolução” do sentido da raiz de “cortar” (**ברא** III) para “criar” (**ברא** I)⁹.

Para Böhl, então, é possível, mas não absolutamente certa a relação entre o que, desde 1905 pelo menos (mas não antes disso) se conven-

⁹ SCHMIDT, W. H. **ברא**, br'. In: JENNI, E. e WESTERMANN, C. (ed). Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento. Madrid: Ediciones Crintandad, 1978, p. 486-491.

cionou tratar de ברא I e ברא II ou III. Böhl, todavia, considera que “com maior grau de certeza deve-se supor uma conexão (...) com o babilônico-assírio *banū*”. No parágrafo em questão, Böhl discute o trânsito semântico entre ברא e בנה¹⁰. Textualmente: “dos três significados¹⁰ do *banū* babilônico-assírio (1. edificar; 2. criar, produzir, gerar; e 3. bem genericamente: fazer, realizar) entraria em cogitação apenas o segundo”¹¹. Como se vê, Böhl defende a ideia de que, da matriz etimológica babilônico-assíria, apenas o sentido de “criar” transitou para ברא, mas não o sentido de “edificar”.

Penso poder discordar, se não no campo da etimologia histórica propriamente, ao menos no campo exegético da Bíblia Hebraica. Lanço mão de dois exemplos. Em Is 65,18, o texto hebraico faz ler: וְעֵמֶה מְשׂוֹשׁ כִּי הִנְנִי בּוֹרֵא אֶת־יְרוּשָׁלַם גִּילָה, que traduzo da seguinte forma: “eis que eu crio Jerusalém – regozijo! – e o povo dela – alegria!”¹². Renomado exegeta argentino traduziu da seguinte forma: “pois eis que recrio Jerusalém como ‘Alegria’, e seu povo como ‘Gozo’”¹³, mas se há de convir que a tradução contorna o fato de Jerusalém constituir-se objeto direto de “criar”, além do que a preposição “como”, de que Croatto se serve, não consta do texto a ser traduzido. Nesse sentido, a tradução de Deiss me parece literalmente mais adequada: ““I am going to create Jerusalem ‘Joy’ and its people ‘Gladness’”¹⁴. Ora, citando a passagem mais ampliadamente, pode-se perceber que o contexto claramente joga com os sentidos de “criar” e “construir”:

¹⁰ Cf. DELITZSCH, F. *Assyrisches Handwörterbuch*. Leipzig: Hinrichs, 1896, p. 178.

¹¹ Cf. parágrafo 2.

¹² RIBEIRO, O. L. *Homo faber*. O contexto da “criação” em Gênesis 1,1-3. Rio de Janeiro: Mauad, 2015, p. 65-69.

¹³ Cf. CROATTO, J. S. *Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. III: 56-66. A utopia da nova criação. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 312.

¹⁴ DEISS, L. *The Mass*. Collegeville: The Liturgical Press, 1992, p. 105.

Is 65,17-18	
<p>כִּי־הִנְנִי בּוֹרֵא שָׁמַיִם חֲדָשִׁים וָאָרֶץ חֲדָשָׁה וְלֹא תִזְכְּרֶנָּה הַקְּרָאֲשֵׁנֹת וְלֹא תִעֲלֶינָה עַל־לֵב:</p>	<p>Porque eis-me (que) crio novos céus e nova terra, e não serão lembrados os antigos, e não subirão sobre o coração.</p>
<p>כִּי־אִם־שִׂישׂוּ וְגִילוּ עַד־עַד אֲשֶׁר אֲנִי בּוֹרֵא כִּי־הִנְנִי בּוֹרֵא אֶת־יְרוּשָׁלַם גִּילָה וְעִמָּה מְשׂוֹשׁ:</p>	<p>Pois, ah, alegrai-vos! E regozijai-vos para sempre, porque eu sou criador. Porque eis que eu crio Jerusalém – regozijo! e o povo dela – alegria!</p>

Três vezes empregado na passagem, o termo **בּוֹרֵא** remete ao tema cosmogônico: a criação dos céus e da terra. Mas o que são “os céus e a terra” no oráculo? O que a divindade – de fato – cria? Jerusalém: **הִנְנִי בּוֹרֵא אֶת־יְרוּשָׁלַם** – “eis que eu crio Jerusalém”. Aliás, Jerusalém e seu povo – **עִמָּה**: Ora, desdobrando o oráculo em termos histórico-sociais, trata-se da reconstrução de Jerusalém, de sorte que, para todos os fins, se trata de “construir” Jerusalém, como, já veremos, se pode dizer em Sl 102,17: **בָּנָה יְהוָה צִיּוֹן** – “construiu Yahweh Sião”. A “criação dos céus e da terra” corresponde à “criação de Jerusalém”, com cuja linguagem, cosmogônico-teológica, está-se descrevendo histórico-traditivamente a “reconstrução de Jerusalém”, incluindo aí o repatriamento do contingente populacional que, a rigor, é o responsável pela redação da cosmogonia.

O segundo caso, já antecipado, é representado pelo oráculo constante em Sl 102,13-19. Yahweh é convidado a levantar-se e a ter compaixão de Jerusalém (v. 13-14), que está há muito tempo destruída (v. 15), para que as nações tenham seu nome (v. 16). Quando Jerusalém for reconstruída (**כִּי־בָנָה יְהוָה צִיּוֹן**) – v. 17), atendendo assim à oração dos deportados (v. 18), então: a) o feito será posto em escrito, para as gerações futuras (v. 19a) e **עַם נְבִרָא יְהַלְלֶיהָ** – “um povo criado louvará Yah”. Da mesma forma que em Is 65,18, trata-se da reconstrução de Jerusalém. Da mesma forma como em Is 65,17, a reconstrução de Jerusalém é tratada cosmogonicamente: aqui, com a reconstrução de Sião (**בָּנָה צִיּוֹן**), evoca-se a “criação do povo” (**עַם נְבִרָא**). Transita-se entre os verbos e sem nenhuma cerimônia. Onde se pretendia dizer “construir”, diz-se “criar” (Is 65,18 – “eis que eu crio [construo!] Jerusalém”),

e onde se observa efetivamente a reconstrução de Jerusalém, o que se entrevê é a “criação” do povo (“quando Yahweh construir Sião (...) um povo criado louvará Yah”). Dizer que um povo criado louvará Yahweh, quando Yahweh construir Sião é dizer que construir Sião é criar o povo, porque o povo retorna para casa e, efetivamente, se reúne no ecúmeno da divindade¹⁵.

Depois das considerações que viemos de comentar¹⁶, e de observações gerais sobre peculiaridades da raiz¹⁷, Böhl passa a analisar o que ele considera serem ocorrências pré-exílicas de אֱרָא¹⁸. Transcrevo sua conclusão:

Tais observações exigem cautela. A análise dos seis textos arrolados produziu (...) um resultado negativo incontestado. O termo אֱרָא não aparece apenas a partir de Jeremias, mas já num trecho pertencente aparentemente a J no sentido mais apagado de realizar milagres. Ele sobretudo se encontra também como termo da atuação criadora talvez em J, com maior probabilidade num trecho de Amós, cuja autenticidade, no entanto, é contestada.

Por conseguinte, a opinião de que o termo אֱרָא seja bem tardio, cunhado talvez a partir de Dêutero-Isaías (...), ou seja até mesmo um termo de procedência aramaica (...) esta opinião dificilmente pode ser sustentada¹⁹.

Encontrando-se o texto de Böhl na mesma edição da Reflexus em que se publica a presente reação, o leitor está convidado a analisar por si mesmo as avaliações pontuais do pesquisador analisado quanto às ocorrências em questão. Quero apenas chamar a atenção para um aspecto retórico da citação acima: a expressão “resultado negativo incontestado” não coaduna retoricamente com as expressões “um trecho pertencente aparentemente a J”, “termo da atuação criadora talvez em J”, “com maior probabilidade”, “autenticidade (...) contestada”, “cunhado talvez a partir de Dêutero-Isaías”. Ora, quer-me parecer que os termos “aparentemente”,

¹⁵ Cf. RIBEIRO, *Homo faber*, p. 63-65.

¹⁶ Cf. Parágrafos 1 a 4.

¹⁷ Cf. Parágrafos 5 a 9.

¹⁸ Cf. Parágrafos 10 a 21.

¹⁹ Parágrafos 20-21.

“talvez” (duas vezes), “probabilidade” e “contestada” não contribuam exatamente para o estabelecimento de contexto retórico cujo resultado possa ser descrito como “inconteste”. Se a defesa que faz de sua “tese” precisa armar-se de tantas ressalvas de consciência, como pode Böhl concluir seu raciocínio com a observação de que opinião contrária à antiguidade original da raiz já em solo veterotestamentário “dificilmente poder ser sustentada”? Com tantos termos de reserva retórica, Böhl nos força a concluir que sua própria ideia não pode ser sustentada sem o recurso a tantas cláusulas de restrição de validade²⁰...

Penso que mais relevante do que a origem cronológica da raiz é o contexto original de sua utilização. Sugiro considerar-se ברא (bra) uma raiz de uso originalmente monárquico, relacionado à cosmogonia clássica próximo-oriental, espaço histórico-traditivo para o tema da “criação” como motivo plástico-tradicional para a descrição simbólica da emergência do ecúmeno constituído, necessariamente, pelo rei, pela cidade (em sentido ampliado) e pelo povo²¹. Cabe, portanto, aqui, uma observação: Böhl emprega termos como “universo” (“Weltschöpfung”) e “seres humanos” ou “humanidade” (“Menschen”) para referir-se ao conteúdo objetivo da fórmula cosmogônica “criação dos céus e da terra”. Chega mesmo a sugerir que o Dêutero-Isaías contrabalança o escândalo da eleição de um gentio, Ciro, como messias, com o tema do governo “universal” de Yahweh:

O grave escândalo de que o povo eleito será salvo por um gentio – Ciro – é eliminado com a menção da criação do universo. Javé fez a terra, criou (ברא) os seres humanos, estendeu os céus e deu ordens ao seu exército – quem se oporia a que o criador e senhor do universo escolhesse livremente seu instrumento dentre todos os seres humanos²²?

Penso que Böhl opera com um conceito de “criação” que guarda relações com a história dos seus efeitos. No que diz respeito ao tema, quando desdobrado em textos redigidos antes do período persa, na Bíblia Hebraica não se pode falar de criação do universo. Na Bíblia Hebraica,

²⁰ Aceito que recorri a um argumento retórico, mas isso se deve ao fato de que analiso um argumento retórico.

²¹ Cf. RIBEIRO, *Homo faber*, 2015.

²² Parágrafo 29.

“criação” é um conceito operacional interno a cada povo e nação. Os deuses criadores dos povos próximo-orientais não criaram o “universo” e os “seres humanos” – criaram seus respectivos mundos (e somente eles!) e seus respectivos povos (e não outros!). “Criação dos céus e da terra” consiste numa referência traditivo-cultural à construção da nação, sob o rei e com o povo, de sorte que a referência é ao ecúmeno geopolítico no qual se consubstancia o mundo daquele deus e daquele povo – e não de outros. Enquanto deus criador, Yahweh criou Judá, e não a Babilônia.

É curiosa a forma como os mesmos termos são tratados. Por exemplo, em Gênesis 1,2 e 8,1, emprega-se רוּחַ . Os dois textos são remontados ao mesmo contexto de redação, a imagem a que o leitor é reportado é a mesma, e, todavia, costuma-se traduzir a primeira ocorrência por “Espírito” (com maiúscula!) e a segunda, por “vento”. Ora, em Gn 1,2, trata-se da água que recobre tudo, a “terra” ainda não criada, e, em 8,12, trata-se daquela “terra”, antes tirada daquelas águas, ter sido submergida nelas, de sorte que se encontra exatamente como antes. Sobre as águas cosmogônicas, lá e aqui, uma grandeza designada pelo mesmo termo hebraico – רוּחַ . Não quer traduzir “vento”, traduza “Espírito” em ambas!, mas que argumento justifica optar por duas traduções completamente diferentes? O mesmo vale para “terra”. Quando se trata de Gênesis 1,1, “a terra” (אֶרֶץ) é o “planeta Terra”, mas quando se trata de “a terra” em Gn 12,1, então se trata de “Canaã”. Por que, no caso da “promessa”, trata-se da “terra” de Canaã, e no caso da “criação”, trata-se da “Terra”? Não estamos diante de casos típicos da ação da ideologia, dirigindo os processos supostamente técnicos de leitura?

Há passagens em que a restrição de sentido está explícita. Comentando a ocorrência da raiz em Mt 2,10, “não temos nós todos *um único* Pai? Não nos criou *um único* Deus? Por que somos desleais uns para com os outros, profanando a aliança de nossos pais?”²³, a meu ver acertadamente, Böhl adverte tratar-se de uma referência restrita aos próprios judeus: “a exigência de sermos irmãos não abarca, em princípio, as outras nações, mas se refere ao relacionamento dos judeus entre si”²⁴. O que ocorreria, todavia, em uma passagem desse tipo, se a referência à aliança

²³ Parágrafo 30.

²⁴ Parágrafo 30.

não estivesse presente? Böhl argumenta justamente que essa referência impede a inflação semântica da declaração, de modo a pretender que abarque as demais nações como criadas pelo deus evocado pelo narrador. Todavia, se a aliança não fosse mencionada? E se o texto trouxesse apenas a declaração “não temos nós todos *um único* Pai? Não nos criou *um único* Deus? Por que somos desleais uns para com os outros?”? Nesse caso, penso que o controle ideológico de nossas leituras – mesmo exe-géticas! – deve pressupor contextualizar os termos empregados pela Bíblia Hebraica em seu próprio contexto de vida. Nesse sentido, interpretar $\text{הַשָּׁמַיִם וְהָאָרֶץ}$ como “universo” e אָדָם como “humanidade” parece-me um flagrante caso de retroprojeção ideológica (inconsciente?).

Quanto a Gn 1,1, Böhl faz declarações das quais sou forçado a discordar. Böhl assume que Gn 1,1 é um título. Isso quer dizer que recusa a sintaxe subordinada da oração entre 1,1 e 1,2: “a hipótese de uma oração subordinada resultaria numa construção desesperada”²⁵. Não é para tanto²⁶. Mesmo Böhl reconhece que sequer a vocalização de בְּרֵאשִׁית precisaria ser alterada para que o v. 1,1 fosse lido como cláusula adverbial de tempo, já que se reconhecem casos de construtos verbais com as formas verbais do completo²⁷. Penso que a tradução de Gênesis 1,1-3 possa (e deva) soar como algo desse tipo:

^{1,1}No princípio do criar de Elohim os céus e a terra, ^{2^a} então a terra estava uma desolação e um deserto, ^{2ba} pois treva (havia) sobre as faces d(o) abismo ^{2bb} e um vento tempestuoso soprava sobre as faces das águas. ³ Então disse *Elohim*: ‘seja a luz’, e a luz foi²⁸.

2. Considerações finais

A dificuldade em se reconhecer que os sentidos de Qal בָּרָא e Piel בָּרַא encontram-se intimamente relacionados na Bíblia Hebraica, e,

²⁵ Parágrafo 36.

²⁶ Cf. RIBEIRO, *Homo faber*, p. 31-39; TSUMURA, David. *Creation and Destruction. A Reappraisal of the Chaoskampf Theory in the Old Testament*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

²⁷ Cf. parágrafo 36, nota 48.

²⁸ RIBEIRO, *Homo faber*, p. 51.

como vimos, é a opinião de Böhl, explica-se, a meu ver por uma questão ideológica: assume-se que, na Bíblia Hebraica, “criação” tem o sentido que a teologia posterior empresta à doutrina: a criação do universo, considerando-se os conhecimentos da Astrofísica, e da humanidade, considerando-se os conceitos antropológicos próprios dos desdobramentos da civilização ocidental. Na prática, é como se o texto pudesse ser escrito, hoje, por um teólogo moderno. Nesse sentido, compreende-se como parece difícil ao exegeta e ao teólogo encontrar relação entre “criar” e “cortar, construir”. Não importa se os léxicos do século XVIII e XIX entendiam todos os sentidos de ברא como presentes em uma única raiz, e também não vem ao caso, pelo menos para a Bíblia Hebraica, se particípio Qal ברא pode ser usado para descrever um entalhador. O que eu chamei de “assalto” teológico ao trato histórico-filológico à raiz ברא redundou na alteração do verbete de Gesenius, que sempre tratou a raiz em um único verbete. Em 1905, coassinada por ele, Böhl publica uma edição de Gesenius, que se tornará padrão internacional, na qual ברא já se tornou, oficialmente, três atualizações semânticas diferentes, dando-se por segura a distinção etimológica entre ברא I, ברא II e ברא III, e decidindo-se pela falta de conexão entre “criar” e “cortar”.

Na Bíblia Hebraica, todavia, “criar” não é outra coisa que não a construção de cidades, sob um rei, e com o povo. Se não resulta inequívoca a constatação desde Gn 1,1-24a, o que, todavia, procurei evidenciar²⁹, quero crer que se encontre de forma bastante convincente em Is 65,17-18 e Sl 102,13-19, onde a reconstrução de Jerusalém se inscreve com ברא e a criação do povo (ברא) se vincula à construção (בנה) de Sião.

Penso que a referida inscrição púnica, publicada em 1881, constitua uma ilustração do fato de que, ao contrário do que se tornou assumido como óbvio, Qal ברא e Piel ברא conectam-se perfeitamente, no sentido de que ברא designa a ação de cortar: cortar a pedra, para esculpir, cortar a pedra, para construir, cortar as árvores, para arrotear, e, por derivação, criar, não importando se se trata da operação propriamente de arroteamento das montanhas, para aí se construir uma cidade – daí,

²⁹ Cf. RIBEIRO, *Homo faber*, 2015.

“criar”, em Jz 17,14-18 (Piel ברא)³⁰ –, ou se se trata, já, da “criação” de Jerusalém, em Is 65,17-18 (Qal ברא), se trata, sempre, da mesma ideia – construir, criar, criar, construindo.

Na hipótese de minha tese refletir a evidência dos indícios exegeticos, caso exegetas e teólogos estejam dispostos a rever a forma com que tratam os textos cosmogônicos da Bíblia Hebraica, não apenas há de fragilizar-se significativamente a resistência em admitir que a relação entre “criar” e “cortar;/construir/esculpir”, presente fora da biblioteca veterotestamentária, encontra-se também dentro dela, como também há de se impor uma revisão da tese centenária de que ברא não é ברא, mas ברא I, ברא II e ברא III.

Referências

- CROATTO, J. S. Isaías. A palavra profética e sua releitura hermenêutica. Vol. III: 56-66. A utopia da nova criação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DEISS, L. *The Mass*. Colledgeville: The Liturgical Press, 1992.
- DELITZSCH, F. *Assyrisches Handwörterbuch*. Leipzig: Hinrichs, 1896, p. 178.
- GENESIUS, W. e BUHL, Frants. *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. Leipzig: Vogel, 1905.
- RIBEIRO, O. L. “Comprar gato por lebre?”. O ‘assalto’ teólogo à abordagem histórico-filológica à raiz br’ nos séculos XVIII e XIX, *Pistis e Praxis*, v. 8, n. 1, 2016, p. 55-71.
- RIBEIRO, O. L. *Homo faber*. O contexto da “criação” em Gênesis 1,1-3. Rio de Janeiro: Mauad, 2015, p. 65-69.
- SCHMIDT, W. H. ברא, br’. In: JENNI, E. e WESTERMANN, C. (ed). *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Crintandad, 1978, p. 486-491.
- TSUMURA, David. *Creation and Destruction. A Reappraisal of the Chaoskampf Theory in the Old Testament*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2005.

³⁰ Cf. RIBEIRO, *Homo faber*, p. 55-61.

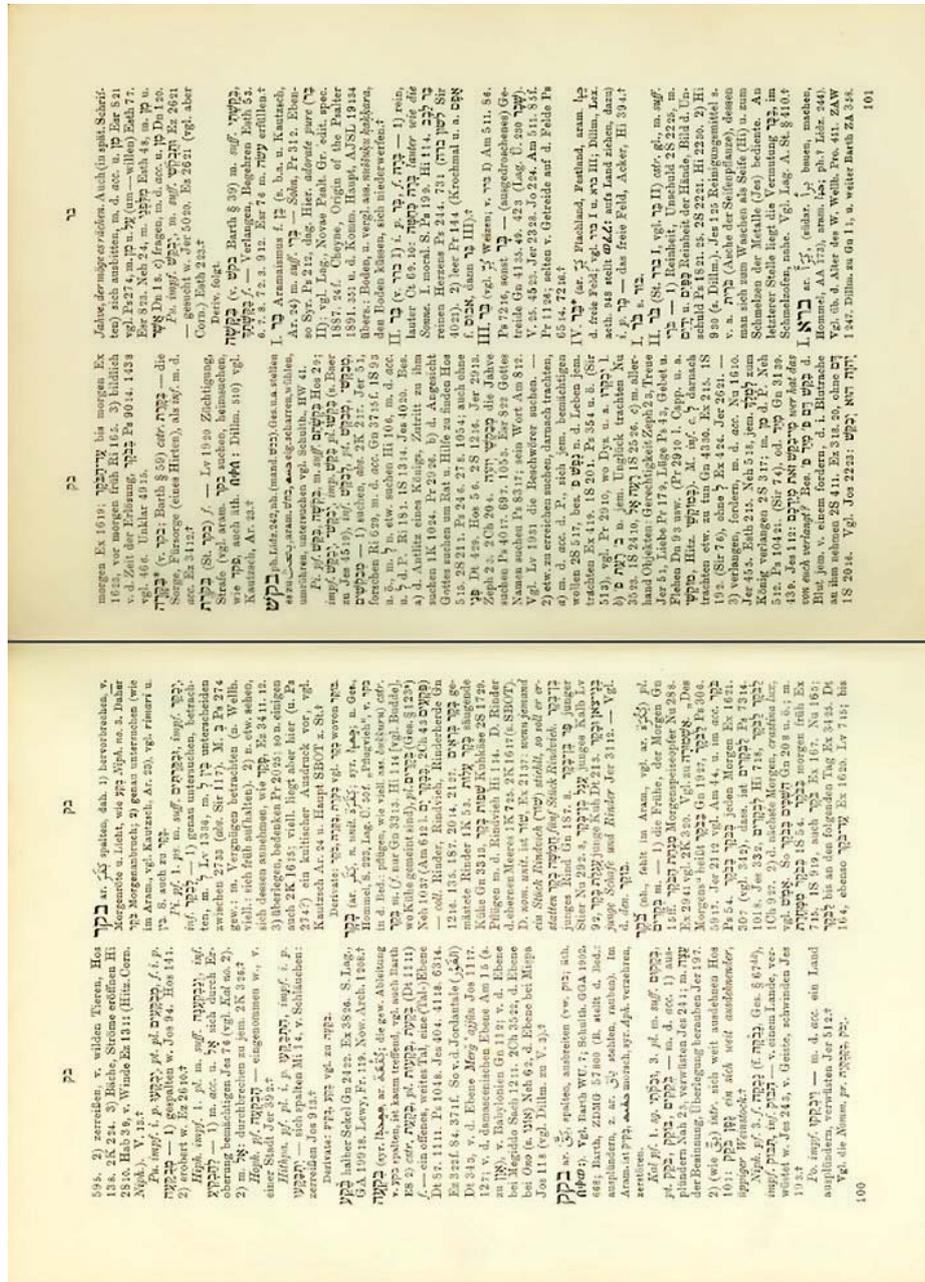


FIGURA 1
GESENIUS e BUHL, *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. Leipzig: Vogel, 1905, p. 100-101.

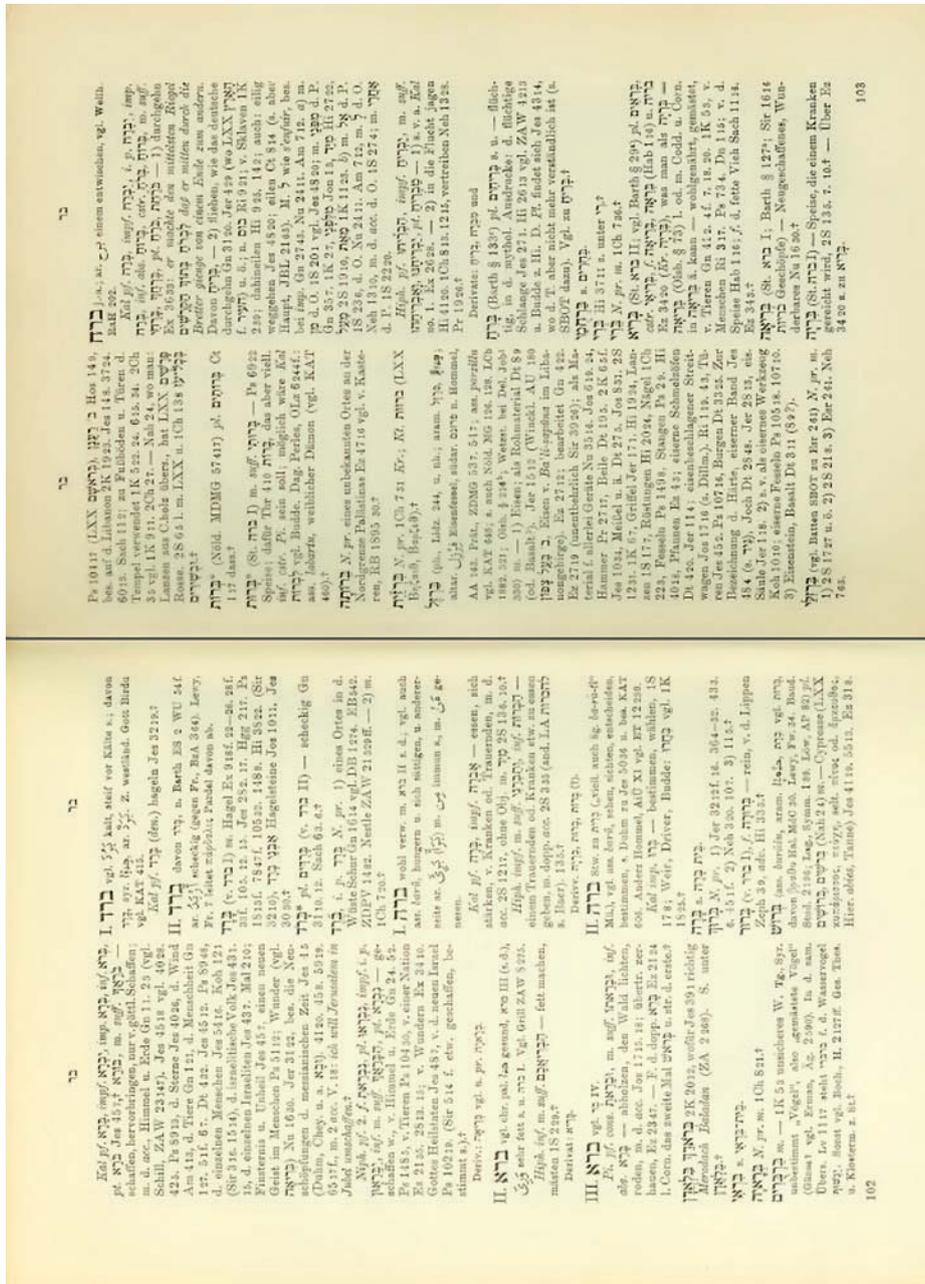


FIGURA 2 GESENIUS e BUHL, Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament. Leipzig: Vogel, 1905, p. 102-103.

<p style="text-align: center;">בר</p> <p style="text-align: center;">117</p> <p style="text-align: center;">בר</p>	<p>I. בר <i>m.</i> mit <i>Suff.</i> ברי Sohn, wie im Chald. (Stw. ברא no. 3). Im Hebr. nur poet. Sprüchw. 31, 2. Ps. 2, 12: <i>küsst den Sohn</i>, nämll. Jehova's d. i. den König. And. nehmen hier בר von ברר no. 2 der Bestimmte, Aus erwählte; allein auch die ältere hebräische Dichtersprache schließt sich häufig an das Chaldäische an.</p> <p>II. בר (in der Bedeutung <i>B.</i> auch בר) von ברר <i>A</i>) <i>adj. fem.</i> ברה 1) <i>aus erwählt.</i> Hohesl. 6, 9: ברה היא לייקחה <i>die aus erwählte d. i. der Liebbling ihrer Mutter.</i> Parall. אהה. 2) <i>rein, lauter,</i> Hohesl. 6, 10: ברה כהמה <i>lauter, wie die Sonne.</i> Bes. im mor. Sinne Hiob 11, 4. בר לבב <i>reines Herzens</i> Ps. 24, 4. 73, 1. (Arab. برى). 3) <i>leer.</i> Sprüchw. 14, 4.</p> <p><i>B) subst.</i> 1) Getreide Amos 5, 11. 8, 6. Ps. 72, 16, sonst בר 1 Mos. 41, 35. 40. 42, 3. 25. Sprüchw. 11, 26. Eig. von dem gereinigten und geworfelten Getreide (vgl. ברר das Getreide reinigen Jer. 4, 11), wie es im Speicher liegt, doch auch von dem auf dem Halm stehenden Ps. 65, 14. (Arab. برى Waizen). 2) <i>Feld, Acker,</i> wie im Chald. Hiob 39, 4. Es schließt sich wahrscheinlich an die Bedeutung: <i>leer an,</i> nämll. leeres, offenes Feld, im Gegens. des Waldes oder auch der Städte.</p> <p>בר chald. mit <i>Suff.</i> ברה, Plur. בנין (s. בר) Sohn. Dan. 6, 1. בר אלהין Göttersohn, Engel. Dan. 3, 25.</p> <p>בר chald. <i>st. emphat.</i> ברא Dan. 2, 38. 4, 18. 20. 22. 29. Acker, offenes Feld. (Arab. برى, برى, syr. برى dass.).</p> <p>בר <i>m.</i> (von ברר) 1) <i>Reinheit,</i> mit ברר und ברר <i>Reinheit der Hände,</i></p>	<p>Bild der Unschuld, Unsträflichkeit. Ps. 28, 21. 25. Hiob 22, 30.</p> <p>2) <i>Reinigungsmittel</i> s. v. a. ברית Laugensalz, Lauge. viell. auch Borax, dessen man sich zum Schmelzen der Metalle bediente. (Beide werden auch im Arabischen durch Ein Wort bezeichnet). Jes. 1, 25: ברר <i>wie mit Laugensalz.</i> Hiob 9, 30: וקחתי ברר וקחתי ברר <i>und wüsche ich mit Lauge meine Hände.</i></p> <p>בר 1) eig. <i>hauen, anschauen.</i> (S. Pi. Im Arab. برى und برى schneiden, ausschneiden, hobeln). 2) <i>bilden, schaffen, hervorbringen.</i> (Arab. برى. Die Folge der Bedeutungen ist, wie in dem arab. خلق a) <i>glatt seyn, b) glätten, hobeln, c) bilden, schaffen</i>) 1 Mos. 1, 1. 21. 27. 2, 5. 4. Jes. 43, 1. 7. Amos 4, 13. (Synom. برى קמה) Ps. 51, 12. Jes. 45, 7. Jer. 31, 22: ברר אלהים <i>Gott wird etwas Neues erschaffen.</i> Jes. 65, 18: ברר אלהים <i>siehe! ich will Jerusalem in Frohlocken umschaffen.</i> 3) <i>gebähren,</i> wie im Chald. ברא. S. Niph. no. 2, und das Derivat בר. 4) <i>essen, sich mästen, vom Schneiden, vgl. ברר no. 1 und ברר gemästet.</i> S. Hiph. Niph. 1) <i>pass.</i> von Kal no. 2. 1 Mos. 2, 4. 5, 2. 2) <i>pass</i> von Kal no. 3 <i>geböhren werden.</i> Ezech. 21, 30 (35): ברר אשר ברר <i>an dem Orte, wo du geböhren bist.</i> Ps. 102, 19: ברר יהל יה <i>das Volk, das geböhren würd, preise Jehova.</i></p> <p>Pi. ברר 1) <i>hauen, anschauen,</i> z. B. einen Wald. Jos. 17, 15. 18. 2) <i>niederhauen (mit dem Schwerte).</i> Ezech. 23, 47. 3) <i>bilden, oder eingraben, verzeichnen.</i> Ezech. 21, 19 (24). Derivate: ברר, ברר. Hiph. causat. von Kal no. 4 <i>mästen, fett machen.</i> 1 Sam. 2, 29.</p>
--	---	---

FIGURA 3
GESENIUS, *Hebräisches und chaldäisches Handwörterbuch über das Alte Testament.* Leipzig: Vogel, 1823, p. 117.

- בר 118 בר
- בראדך** *Berodach Baladan*, König von Babel. 2 Kön. 20, 12, wofür Jes. 39, 1 *Merodach Baladan* steht. Da letztere Form die ursprünglichere und etymologisch richtigere ist, s. den Art. **קראדך**.
- ברבירים** *m.* nur 1 Kön. 4, 23 nach *LXX. Syr. Chald. Vulg.* Vögel, von denen es heißt, daß sie zur Tafel Salomo's gemästet wurden. Vielleicht: Gänse. Wenigstens steht in der samarit. Übers. 3 Mos. 11, 17 **ברברר** für den Wasservogel **קישוף**, und im Syr. wird **כוסו** durch Schwanz, einen verwandten Vogel, gegeben. Stw. wäre **ברר** = **צרא**, **ברר** sich mästen. *And.* Gewild, von **בר** Feld.
- ברד** 1) wie im Aram. streuen, sprengen. (S. **ברד**). 2) hageln. Jes. 32, 19. Im Arab. und Athiop. dass. Davon
- ברד** *m.* Hagel. 2 Mos. 9, 18 ff.
- ברד** *N. propr.* eines Ortes in der Wüste Schur. 1 Mos. 16, 14.
- ברד** *pl.* **ברדים** *adj.* gesprenkelt, gefleckt, bunt. 1 Mos. 31, 10. 12. Zach. 6, 3. 6. (*Syr.* **כונן** dass. insbes. roth gefleckt).
- I. ברר** *verw.* mit **צרא** *urspr.* wahrscheinlich 1) schneiden, wie im Arab. **قَرَى**, **قَرَى**, davon **قَرِيَة** Bund, von der Sitte, Opferthiere dabey zu zerschneiden, und durchzugehen, daher **قَرِيَة** **قَرِيَة** den Bund schneiden für: schliessen. 2) essen. 2 Sam. 12, 17. 13, 6. 10. (Diese Bedeutung geht in mehreren Wörtern vom Schneiden aus. Vgl. **נו ברר** *no. 1. 3.* ferner **צרא** *Hiph.* *Chald.* auch **קרא**, **קרא** sich mästen, *Aph.* mästen). *Pl.* wie **קל** *דב.* 2. *Klagel.* 4, 10. *Hiph.* *essen lassen, zu essen geben, mit doppeltem Accus.* 2 Sam.
- 3, 35. 13, 5. *Derivate:* **קריה**, **קריה**, **קריה**, **קריה**.
- II. בררה** *s. v. a.* **ברר** wählen. 1 Sam. 17, 8: **ברר** wählt. (Im Arab. **بَرَّرَ** für **فَرَّقَ** *distinxit, separavit s. v. a.* **ברר**).
- ברונה** (*Gesegneter*) *N. propr.* insbes. des Freundes von Jeremia, dem er seine Orakel diktirte, und von welchem das apocryphische Buch Baruch den Namen führt. Jer. 32, 16. 36, 4.
- ברומים** *m. pl.* Ezech. 27, 24 eine Art Zeuge, zu deren Einschlage mehrere und mehrfarbige Fäden genommen wurden, um bunte Farben hervorzubringen, wie die *πολύχρωμα* der Griechen, Damast. (*Arab.* **بروم** *II. IV.* die Spindel drehn, Fäden zusammendrehn; davon von **بروم** *gezwirnter, zweyfarbiger Faden, und* **صبروم** *ein daraus gewebtes buntes Zeug*).
- ברוש** *m.* 1) Tanne od. Fichte. 1 Kön. 5, 8. 6, 15. 34, 9, 11. So die *Vulg.* beständig. Arab. **بروش** *syr.* **כוסו** dass. *And.* Cypresse. Vielleicht bezeichnete es mehrere verwandte, von den Alten nicht so genau unterschiedene, Baumarten. S. *Celsii Hierobot. l. pag. 74 sq.* 2) dahi, fichtene Lanze. Nah. 2, 4, vgl. *μάλιη II. q.* 162. *ἐλάτη Hesiod. sc. Herc.* 188. 3) musikalisches Instrument aus diesem Holze. 2 Sam. 6, 5. (Eino Etymologie bietet sich nicht dar, und ist auch bey einem Pflanzennamen nicht nothwendig).
- ברות** *m.* nur Plur, Hohesl. 1, 7 dass. mit syrischer Aussprache.
- ברותי** Ezech. 47, 16 und **ברותי** 2 Sam. 8, 8 (wahrscheinlich *s. v.*

FIGURA 4

GESENIUS, *Hebräisches und chaldäisches Handwörterbuch über das Alte Testament.* Leipzig: Vogel, 1823, p. 118.